

SÁTIRA E RETÓRICA

José Rodrigues Seabra Filhoⁱ

Resumo: Este artigo é uma análise da sátira como tipo de arte retórica desenvolvida quase como autêntica entre os antigos romanos; é também, por consequência, um estudo resumido da produção de dois dos principais poetas do latim literário, Horácio e Juvenal, nessa técnica literária. Focaliza o principal da arte argumentativa e do objetivo de cada um desses poetas. Apresenta ao final uma comparação quanto às características – mais humorísticas e zombeteiras em Horácio, mais moralistas em Juvenal – satírico-literárias propiciadas pelo ambiente político-social da Roma antiga.

Palavras-chave: Retórica satírica. Literatura latina. Horácio. Juvenal.

Abstract: This article is an analysis of satire as rhetorical art developed almost as authentic among the ancient Romans; it is also, consequently, a study summarized in the production of two literary Latin poets, Horace and Juvenal, in this literary technique. The focus is on the main of the argumentative art and on the objective of each of these poets. This article presents a comparison about the characteristics – more humorous and mocking in Horace, more moralistic in Juvenal – satirical and literary propitiated by ancient Rome's political and social environment.

Keywords: Satirical rhetoric. Latin literature. Horace. Juvenal.

ⁱ Doutor e Livre-Docente em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ricklou@usp.br.

Introdução

Como tipo de arte retórica e gênero literário a sátira, que se define de modo geral como peça em versos na qual se atacam os erros e vícios das pessoas, pode ser considerada em parte criação original romana. Apesar da proclamação orgulhosa de Quintiliano [*satira quidem tota nostra* (X, 1, 93)], essa originalidade não é total, pois a sátira romana se formou com a combinação de dois aspectos provenientes da literatura grega: a invectiva pessoal e a filosofia moral. A palavra *satira* (ou *satura*) provavelmente provenha da expressão *satura lanx* (prato ou travessa cheia de ingredientes ou de legumes ou ainda de frutas diversas); a partir daí vem o sentido de composição literária com mistura de tópicos. Mas a forma *satura* por si só pode ser também substantivação do feminino do adjetivo *satur* (saturado), ou ainda plural substantivado da forma neutra desse adjetivo. Lucílio (séc. II a. C.) é considerado o criador do gênero tal como este se fixou na literatura latina. Na época de Augusto, Horácio retoma o gênero e o aperfeiçoa artisticamente. Já no século I d. C., Pérsio continua a tradição do gênero satírico e publica seis sátiras de objetivos morais. Por fim Juvenal (séculos I e II) publica dezesseis sátiras para principalmente criticar a decadência moral dos romanos de sua época. Em resumo: Lucílio: fixação da sátira como gênero literário autônomo, crítica aos costumes, ataques pessoais; Horácio: apuro na forma, perfeição composicional, conversações filosóficas; Pérsio: moralismo estoico, reforma dos costumes; Juvenal: pessimismo em relação à sociedade romana, assuntos universais. Também quanto ao tom satírico é possível considerar a influência da obra original do filósofo grego Menipo (século III a. C.). De Menipo o texto, hoje perdido, era mescla de prosa e verso e apresentava questões morais. Esse tipo de literatura – prosa mais poesia –, designado então como sátira menipeia, foi retomado em Roma no século I a. C. por Varrão na obra *Saturae Menippeae*, da qual só restam fragmentos (veja-se a propósito um trecho em Aulo Gélcio 1, 17, 4). Pode-se considerar ainda Petrônio, escritor contemporâneo de Pérsio e anterior a Juvenal, com o *Satiricon* (ou *Saturarum libri*), obra que no aspecto formal é um misto de novela e sátira menipeia.

I) Horácio

De Horácio dois são os livros de sátiras, intitulados *sermões* (conversações): o I publicado em aproximadamente 35 a. C., o II em 30 ou 29. As 18 sátiras horácianas são do tipo conversações literário-filosóficas e

contemplam assuntos diversos, conforme a regra do gênero satírico. Assuntos do primeiro livro: I, 1 sobre os que estão descontentes com sua sorte e invejam a sorte de outrem; I, 2 sobre ater-se a um meio termo e evitar o excesso; I, 3 opinião que cada qual tem de si mesmo; I, 4 sobre o gênero satírico; I, 5 sobre uma viagem com Mecenas; I, 6 sobre os que acusam de origem humilde o poeta; I, 7 discussão entre dois defensores em tribunal; I, 8 sobre feitiçarias; I, 9 sobre um importuno; I, 10 julgamento sobre Lucílio, valor do texto literário. Assuntos do segundo livro: II, 1 contra os críticos; II, 2 elogio da vida simples; II, 3 sobre loucuras humanas; II, 4 gastronomia; II, 5 testamentos; II, 6 elogio da vida campestre; II, 7 a liberdade como exclusiva do sábio; II, 8 um banquete ridículo. Embora de assuntos variados, é possível dividir essas peças todas em sátiras literárias (I, 4, I, 10 e II, 1), sátiras morais (I, 1, I, 6, I, 8, I, 9, II, 2 a 8) e sátiras lucilianas (I, 2, I, 3, I, 5, I, 7). Para exemplificação do livro I, podem servir a primeira e a última, analisadas a seguir.

A primeira sátira do primeiro livro apresenta o tema indicado já nos primeiros versos. Por técnica de composição de poema – e que aqui serve também como dedicatória –, Horácio dirige-se a Mecenas (I, 1, 1-3):

Qui fit, Maecenas, ut nemo, quam sibi sortem
seu ratio dederit seu fors obiecerit, illa
contentus uiuat, laudet diuersa sequentis?

[Que acontece, Mecenas, que ninguém, quão a si uma sorte ou a razão tenha dado ou o acaso tenha lançado diante, com ela viva contente, e louve a /sorte/ daquele que segue por /carreira/ diversa?]

Essa constatação passa a ser desenvolvida nos versos seguintes: não há limites para as riquezas, para a posse de bens; sempre difícil se apresenta a situação do avarento; nem convém ser avaro nem dissipador; há um meio termo (vv. 106-107):

est modus in rebus, sunt certi denique fines,
quos ultra citraque nequit consistere rectum

[há um meio termo nas coisas, são determinados afinal os limites além e aquém dos quais não se pode achar o que é correto].

Note-se aí que a ideia do correto (*rectum*) é a do bem moral, que só pode consistir num justo meio termo, numa justa medida, o *modus*. Equilíbrio de vida, entre evitar a exuberância e fugir da carência, em enfim não reclamar de sua sorte nem desejar a de outrem. Logo na primeira sátira, um tema recorrente em Horácio, uma visão de mundo que com maior ou menor evidência vai passar por outras peças, vai dar o tom da moral horaciana.

Quanto à sátira I, 10, trata-se de peça sobre literatura, a qual por isso mesmo e por ideias apresentadas sobre a composição literária pode ser considerada como um prefácio da também horaciana *Arte Poética*. De início uma crítica a Lucílio (I, 10, 1-3):

Nempe incomposito dixi pede currere uersus
Lucili. Quis tam Lucili fautor inepte est,
ut non hoc fateatur?

[Seguramente eu disse correrem com pé descomposto os versos de Lucílio. Qual partidário de Lucílio é tão inepto que não reconheça isso?]

A peça começa com o que é próprio do gênero: o ataque pessoal. Mais adiante, conselhos sobre a arte da composição de textos (I, 10, 9-14):

Est breuitate opus, ut currat sententia neu se
impediat uerbis lassas onerantibus auris,
et sermone opus est modo tristi, saepe iocoso,
defendente uicem modo rhetoris atque poetae,
interdum urbani, parcentis uiribus atque
extenuantis eas consulto.

[É necessário brevidade, para que a sentença corra e não se embarace com palavras que sobrecarregam as cansadas orelhas, e é necessário linguagem ora triste, muitas vezes jocosa, ora que defende a vez dum retor e dum poeta, algumas vezes dum urbano, que poupa as forças e as extenua de propósito.]

Os versos se estendem em críticas a Lucílio e em informações sobre a arte do texto (vv. 64-71):

Fuerit Lucilius, inquam,
comis et urbanus, fuerit limatior idem
quam rudis et Graecis intacti carminis auctor
quamque poetarum seniorum turba; sed ille,
si foret hoc nostrum fato delapsus in aeuum,
detereret sibi multa, recideret omne quod ultra
perfectum traheretur, et in uersu faciendo
saepe caput scaberet, uiuos et roderet unguis.

[Tenha sido Lucílio, digo, afável e urbano, tenha sido ele mesmo mais limado do que o rude autor de poema não tentado pelos gregos e do que a turba de poetas mais antigos; mas ele, se tivesse sido tombado por este destino para nosso tempo, apagaria para si muitas /palavras/, refaria tudo que ultrapassasse além do perfeito, e no verso que deve ser feito muitas vezes coçaria a cabeça, e roeria unhas vivas.]

A arte literária exige labuta e trabalho de revisão. E parece que Horácio já previa que até seu texto, assim aperfeiçoado, seria objeto de estudo (vv. 72-76):

Saepe stilum uertas iterum quae digna legi sint
scripturus neque te ut miretur turba labores
contentus paucis lectoribus. An tua demens

uilibus in ludis dictari carmina malis?
Non ego.

[Frequentemente o estilete voltas para escrever de novo as coisas que sejam dignas de ser lidas, e, contente com poucos leitores, não trabalhes para que te admire a turba. Acaso como um insensato preferirias teus poemas serem recitados em escolas de baixa qualidade? Não eu.]

No livro II, as sátiras 2 e 6 apresentam respectivamente elogio da vida simples com frugalidade, elogio da vida campestre com simplicidade. Viver com simplicidade é evitar o excesso (II, 2, 63-65):

Quali igitur uictu sapiens utetur, et horum
utrum imitabitur? Hac urget lupus, hac canis, aiunt.
Mundus erit qua non offendat sordibus, atque
in neutram partem cultus miser.

[Qual portanto meio de vida o sábio usará, e desses /do meio de vida sórdido e do frugal/ qual dos dois ele imitará? Por aqui um lobo ameaça, por ali um cão - dizem. Ele será asseado, tanto quanto não ofenda com sujidades, como também em nenhuma parte de seu aparato /ele será/ miserável.]

Daí, em manifestação pessoal, o elogio da mesa simples da propriedade rural do próprio Horácio (II, 6, 65-67):

O noctes cenaque deum, quibus ipse meique
ante Larem proprium uescor uernasque procaces
pasco libatis dapibus!

[Ó noites e ceias divinas nas quais eu próprio e meus /amigos/ comemos, diante de um /deus/ Lar meu próprio, e a escravos domésticos e impertinentes eu alimento com as refeições as refeições restantes /da mesa!/]

Nesses dois trechos a visão da vida com simplicidade, da alimentação com frugalidade, dos prazeres proporcionados pela companhia dos seus e dos amigos, de um enfim meio termo entre a pobreza e a exuberância. O conceito da primeira *est modus in rebus* (I, 1, 106), ideal horaciano de vida, perpassa por uma e outra das demais sátiras. Ainda do livro II as sátiras 1, 3, 4, 5, 7 e 8 foram compostas em forma de diálogo entre o próprio Horácio e um amigo (1, 3, 4, 8), Horácio e seu escravo (7), e personagens mitológicas (Ulisses e Tirésias, sátira 5). A sátira 7 pode aqui exemplificar essas todas de diálogos. Horácio imagina uma conversação com seu escravo Davo. Para Davo, uma parte dos homens se alegra constantemente com seus vícios, outra parte ora se atém aos vícios ora ao que é correto (II, 7, 6-20). Horácio quer saber por que Davo diz isso; Davo expõe então toda a incoerência do seu dono, que fala sobre vida simples mas não a pratica (II, 7, 23-115). Sobre a frugalidade à mesa, por exemplo, sempre proposta por Horácio, Davo revela (II, 7, 29-35):

Si nusquam es forte uocatus
ad cenam, laudas securum holus ac, uelut usquam
uinctus eas, ita te felicem dicis amasque,
quod nusquam tibi sit potandum; iusserit ad se
Maecenas serum sub lumina prima uenire
conuiuam: “Nemon oleum feret ocius? etquis
audit?” Cum magno blateras clamore fugisque.

[Se por acaso em parte nenhuma foste chamado para cear, louvas /teu/ legume livre de inquietações, e como que a parte alguma vinculado vás, assim dizes e amas seres feliz, porque em nenhuma parte deverás beber; que Mecenas te haja convidado tarde para a casa dele, sob os lumes primeiros: “Acaso ninguém trará mais depressa o óleo? E então? Alguém está ouvindo?” Com grande clamor fazes uma gritaria, e foges /sem esperar/.]

A expressão *sub lumina prima* (sob os lumes primeiros) significa “no momento em que se acendiam as luzes”, isto é, “no começo da noite”; e *oleum* é o óleo que um escravo carregava para a candeia do dono. Mas quanto ao que diz o texto, fica evidente aí a contradição entre a mensagem horaciana exposta na sátira anterior (II, 6, 65-67) e a revelação agora do escravo. Parece que Horácio não conseguia seguir seus próprios preceitos. Por isso Davos diz então que seu dono é também escravo, mas escravo das paixões (II, 7, 80-82):

nempe
tu mihi qui imperitas alii seruis miser atque
duceris ut neruis alienis mobile lignum
[certamente tu que me dás ordens, /tu/, infeliz, és também comandado por
escravos de outro /dono/, como lenho movível por cordas de outrem],
e daí expõe conceito conhecido da moral estoica (II, 7, 83-85):
Quisnam igitur liber? sapiens sibi qui imperiosus,
quem neque pauperies neque mors neque uincula terrent,
responsare cupidinibus, contemnere honores.

[Quem pois é livre? o sábio, a quem nem a pobreza nem a morte nem as cadeias aterrorizam, e que é cheio de domínio sobre si mesmo para resistir às paixões, para desprezar as honrarias.]

Após o discurso de Davo, no final da sátira, Horácio intervém, e o diálogo fica cômico (II, 7, 116-118):

HO. – Vnde mihi lapidem?
DA. – Quorsum est opus?
HO. – Vunde sagittas?
DA. – Aut insanit homo aut uersus facit.
HO. – Ocius hinc te
ni rapis, accedes opera agro nona Sabino.

[HO. – Onde para mim uma pedra?
DA. – Para que finalidade?
HO. – Onde umas flechas?
DA. – Ou o homem ficou louco, ou faz versos.

HO. – Se não te arrancas mais depressa daqui, irás para os trabalhos da nona hora no campo Sabino.]

Como a sátira se define como peça em que o autor ataca os erros e vícios, tem-se aí então o máximo em poema satírico: o poeta que ri de si mesmo e de sua própria incoerência.

II) Juvenal

Em sequência cronológica, depois de Horácio, sobressai no gênero satírico Juvenal que em suas 16 sátiras trata principalmente de questões de moral: censura, em tom de indignação, os vícios; mostra-se contra o sexo, o dinheiro, o estrangeiro; acusa, com o objetivo de corrigir, os costumes dos romanos. A sátira I *cur satiras scribat* [por que /Juvenal/ escreveria sátiras] trata da vocação do poeta satírico, que é aí bem determinada:

Cum tener uxorem ducat spado, Mevia tuscum
figat aprum et nuda teneat uenabula mamma,
patricios omnis opibus cum prouocet unus
quo tondente grauis iuueni mihi barba sonebat,
cum pars Niliacae plebis, cum uerna Canopi
Crispinus Tyrias umero reuocante lacernas
uentilet aestiuum digitis sudantibus aurum
nec sufferre queat maioris pondere gemmae,
difficile est saturam non scribere

[Quando um amaciado eunuco se casa, Mévia transpassa um javali etrusco e com a mama despida segura venábulos, quando um único com riquezas provoca a todos os patrícios, um pelo qual a barba pesada a mim, jovem, fazia ruído rapando-a ele, quando uma parte da plebe do Nilo, quando o escravo de Canopo Crispino ao ombro aplicando lacernas tírias exhibe ouro estivo em dedos transpirantes e não é capaz de suportar os pesos de uma joia maior, é difícil não escrever sátira – I, 22-30].

Percebe-se já nesta primeira sátira o que vai perpassar pelas demais. Pela arte, pela poesia satírica, Juvenal tenciona acusar para corrigir a sociedade romana; tal o objetivo do poeta satírico. Assim na sátira I temos o “programa” de Juvenal. A sátira II é contra os hipócritas, contra os pretensos filósofos que censuram os costumes mas estão eles mesmos mergulhados nos piores vícios; a III *Vrbis incommoda* (incômodos da cidade), sobre a dificuldade de viver em Roma; a IV sobre a intemperança e tolice dos nobres; a V *parasiti*, sobre os parasitas da sociedade. As cinco primeiras constituem o primeiro livro de sátiras de Juvenal. O segundo livro apresenta apenas a sátira VI *mulieres*,

sobre os vícios das mulheres, a mais longa da série, com pouco mais de 650 versos. Nela o poeta ataca antes de tudo a falta de pudor da sociedade:

Credo Pudicitiam Saturno rege moratam
in terris uisamque diu, cum frigida paruas
praeberet spelunca domos ignemque Laremque
et pecus et dominos communi clauderet umbra,
siluestrem montana torum cum sterneret uxor
frondibus et culmo uicinarumque ferarum
pellibus, haut similis tibi, Cynthia, nec tibi, cuius
turbauit nitidos extinctus passer ocellos,
sed potanda ferens infantibus ubera magnis
et saepe horridior glandem ructante marito

[Creio ter-se demorado nas terras no tempo do rei Saturno e ter sido vista durante muito tempo a Pudicícia, enquanto a fresca caverna fornecesse pequenas casas, e sombra comum encerrasse o fogo juntamente com os deuses Lares e também o rebanho e seus donos, enquanto a esposa pelas montanhas estendesse leito silvestre com folhagens e colmo e peles dos animais selvagens das vizinhanças, não semelhante a ti, ó Cíntia, nem a ti, cujos brilhantes olhinhos um pardal morto turbou, mas ela carregava os peitos que haviam de ser mamados por bebês robustos – e era frequentemente mais repugnante que o marido que espectorava uma bolota – VI, 1-10].

O poeta ataca então as mulheres: censura nelas a impudência e os vícios, observa não existir mais a antiga castidade das romanas:

faciunt grauiora coactae
imperio sexus minimumque libidine peccant

[coagidas pelo império de seu sexo, elas cometem crimes mais graves, e o menos que procedem mal é pela libido – VI, 134-135].

O terceiro livro apresenta as três sátiras seguintes. A sátira VII, sobre um assunto que é também atual: a pobreza dos homens de letras (*litteratorum egestas*). De início o tom amargo (vv. 1-7):

Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum:
solus enim tristes hac tempestate Camenas
respexit, quum iam celebres notique poetae
balneolum Gabiis, Romae conducere furnos
tentarent; nec foedum alii, nec turpe putarent
praecones fieri; quum desertis Aganippes
uallibus esuriens migraret in atria Clio.

[Tanto a esperança como a razão dos estudos em César apenas: só ele com efeito neste tempo voltou os olhos para as tristes Camenas, quando já célebres e conhecidos poetas tentassem conduzir banheiros em Gábios, fornos em Roma; e outros nem feio nem torpe julgassem o tornar-se pregoeiros; quando Clio, abandonados os vales de Aganipe, esfomeante migrasse para os átrios /dos ricos/.]

Início até sarcástico. Em outras palavras, uns poetas, mais famosos, acabam na profissão de banhistas - na época qualquer cidade tinha sua piscina pública, e assim também Gábios, na região do Lácio -, ou de padeiros; outros, na de leiloeiros. Essa maneira de rir da própria atividade de poeta estende-se para os vários ramos da literatura: o da história, o da oratória, o da gramática etc. Nenhum escapa; cada gênero literário representa, para quem o cultiva, pobreza. Para os amantes das letras, a situação parece pois sem solução (vv. 50-52):

Nam, si discedas, laqueo tenet ambitiosi
consuetudo mali; tenet insanabile multos
scribendi cacoethes, et aegro in corde senescit.

[Pois caso te afares, por um laço te retém o costume de um ambicioso mal: retém insanavelmente a muitos o cocoete do escrever, e num coração doente envelhece.]

A sátira VIII *nobiles* (os nobres), sobre a verdadeira nobreza, que é pessoal e vem da virtude de cada um; a IX, em forma de diálogo, tem por título *cinaedi et pathici* (depravados e passivos), sobre a devassidão e as baixezas de Roma. O quarto livro apresenta: sátira X *uota* (os votos), sobre a loucura da maior parte dos votos que os homens dirigem aos deuses; XI *mensae luxus* (o luxo da mesa), sobre gastronomia; XII a respeito do retorno de um amigo. O quinto livro apresenta: sátira XIII, em que o poeta tenta acalmar um amigo irritado por lhe terem retido um depósito; XIV, sobre o exemplo que os filhos pegam dos pais, sobre a educação; XV *superstitio*, sobre superstições egípcias; XVI *militiae commoda*, sobre as vantagens de seguir a carreira de soldado. Estúltima sobrou incompleta, com 60 versos.

Vê-se pelo resumo acima que as questões são na maioria das vezes de interesse universal. Interessado pelas questões sociais, Juvenal parece bem intencionado em seu moralismo. Ao atacar a sociedade romana, ele age como visionário: vê o povo bestializado pelas paixões, e percebe que isso levará a sociedade à destruição. Daí a indignação do poeta voltada contra os espertos, os corruptos que viviam em Roma: *quid Romae faciam? mentiri nescio* [que farei em Roma? não sei mentir – III, 41]. O tom de indignação que perpassa pelas sátiras já havia sido determinado de início, logo na primeira: *si natura negat, facit indignatio uersus* [se a natureza nega, a indignação faz versos – I, 79]. Daí se entende também a crítica à população romana quando esta, tendo perdido o interesse por política, só desejava *panem et circenses* [pão e espetáculos circenses – X, 81], e se entende então a preocupação com a

educação do futuro cidadão: *maxima debetur puero reuerentia* [deve-se a máxima reverência à criança – XIV, 47].

Considerações finais

A arte de falar bem e de escrever bem e de argumentar bem – a retórica clássica originária da Grécia antiga – sobressai igualmente na produção dos poetas romanos analisados. Deve-se considerar no entanto que no texto em geral das sátiras dos dois poetas há diferenças de conteúdo e conseqüentemente de objetivo. Em Horácio senso humorístico, visão zombeteira mas sem cólera ou desprezo, sem denúncia contra os vícios dos homens ou contra as injustiças da sociedade; em Juvenal, ao contrário, indignação, denúncia, visão negativa dos homens e dos costumes sociais. O comportamento humano é motivo para Horácio rir, e para Juvenal escandalizar-se; nas sátiras deste registram-se as causas do poderio de Roma, mas também, principalmente, de sua decadência. Como um vate, Juvenal prevê que a salvação da sociedade em que ele vive está na educação (*Sat. XIV, 44-47*):

Nil dictu foedum uisuque haec limina tangat
intra quae puer est. Procul hinc, procul inde puellae
lenonum, et cantus pernoctantis parasiti.
Maxima debetur puero reuerentia.

[Que nada imundo por palavra ou por visão toque esses portais entre os quais está a criança. Longe dali, longe desse lugar as moças dos alcoviteiros e os cantos do parasita que pernoita. A máxima reverência se deve à criança.]

Preocupação social típica do texto de Juvenal. Nas sátiras de Horácio não se vai achar algo semelhante. Horácio se mostra como homem de sociedade, preocupado sim com os compatriotas, mas no sentido de transmitir-lhes regras do bem viver, da moderação, do bom senso. Assim se entende seu próprio exame de consciência (*Serm. I, 4, 134-139*):

“Rectius hoc est;
hoc faciens uiuam melius; sic dulcis amicis
occurram; hoc quidam non belle; numquid ego illi
imprudens olim faciam simile?” haec ego mecum
compressis agito labris. Vbi quid datur oti,
inludo chartis.

[“Isto é mais correto; fazendo aquilo eu viveria melhor; assim eu me apresentaria doce aos amigos; nisto aquele tal não age belamente; acaso eu, imprudente, algum dia o imitarei?” Essas palavras eu comigo exercito,

comprimidos os lábios. Logo que algo de lazer me é dado, recreio-me /em lançar essas ideias/ sobre folhas de papel.]

Eis aí a contribuição social de Horácio: não o escândalo e indignação por causa dos vícios, mas só a procura do bom senso e do saber viver, que cada um pode proporcionar a si mesmo. E é esse “viver bem e moderadamente” que vai significar conseqüentemente viver de maneira útil e proveitosa aos demais.

Referências

AULO GÉLIO. **Noites Áticas**. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

HORACE. **Oeuvres d' Horace**. T. II *Satires* (éd. F. Villeneuve). Paris: Les Belles Lettres, 1932.

JUVÉNAL. **Satires**. éd. P. de Labriolle et F. Villeneuve. Paris : Les Belles Lettres, 2001.